

“Eu sou porque nós somos”: Experiências do emocionar nas aprendizagens umbandistas

I am because we are”: Emotional experiences in umbanda learning

Wagner dos Santos Chagas¹

Resumo: O artigo apresenta os resultados da pesquisa que investigou os processos de aprendizagem nos espaços umbandistas. O objetivo principal da pesquisa foi analisar como acontecem os processos de aprendizagem na Umbanda, tendo como fundamentação teórica a perspectiva Ubuntu e a Biologia do Amor de Humberto Maturana. Como orientação metodológica utilizou-se a pesquisa qualitativa numa perspectiva de recortes de histórias de vida. A produção dos dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, com dez sujeitos de pesquisa de quatro espaços umbandistas da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Os resultados indicam que nos espaços umbandistas as práticas religiosas não se separam das experiências de aprendizagem. Essas experiências de aprendizagem acontecem por meio da significação e ressignificação das práticas cotidianas que estão encharcadas pelos saberes tradicionais da Umbanda. Aprender na Umbanda é um processo de viver e conhecer em comunidade, em que os saberes tradicionais estão entrelaçados com as configurações do emocionar presente nos espaços umbandistas, representando uma grande diversidade epistemológica.

Palavras-chave: Umbanda; Educação; Aprendizagem; Ubuntu; Biologia do Amor

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida durante o Doutorado em Educação que foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (PPGEdu/UNISINOS), entre os anos de 2013 e 2017, que investigou os processos de aprendizagem na Umbanda. A pesquisa foi estruturada a partir do seguinte problema de pesquisa: Como acontecem os processos de aprendizagem na Umbanda? Já as questões de pesquisa foram: Como as vivências das práticas religiosas umbandistas se tornam experiências de aprendizagem? De que forma os saberes tradicionais que circulam no terreiro de Umbanda podem gerar novos conhecimentos nos sujeitos umbandistas? De que forma a epistemologia Umbandista dialoga com as epistemologias dos espaços formais de educação?

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como acontecem os processos de aprendizagem na Umbanda. Juntamente com o objetivo geral, os objetivos específicos que estruturaram a pesquisa foram o

1 Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS (2017), Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ UNISINOS (2010), Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Luterana do Brasil / ULBRA (2005) e Graduado em História pela Universidade Luterana do Brasil /ULBRA (2003). Realizou Pós-doutorado em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle/UNILASALLE (2020 e 2022). É Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Esteio/RS.

de compreender de que forma as vivências das práticas religiosas umbandistas se tornam experiências de aprendizagem; investigar como os saberes tradicionais que circulam no terreiro de Umbanda podem gerar novos conhecimentos a partir da significação e ressignificação dos sujeitos umbandistas; e, problematizar as relações possíveis entre as epistemologias Umbandistas e as epistemologias dos espaços formais de educação.

Na primeira parte do texto, contextualizo brevemente as influências das práticas religiosas dos povos Bantu, das manifestações religiosas do Calundu, do Candomblé Angola, da Cabula, da Macumba e do Candomblé de Caboclo, do catolicismo e do espiritismo na formação da Umbanda. Na segunda parte do texto apresento os referenciais teóricos e metodológicos como os conceitos de Ubuntu e Biologia do Amor. Esses conceitos serviram como referencial teórico para a interpretação dos dados produzidos no campo empírico. Como orientação e desenho metodológico foi utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa numa perspectiva de recortes de histórias de vida. A produção dos dados no campo empírico foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e pelo diário de campo. Na terceira e última parte discuto como as práticas religiosas da Umbanda estão entrelaçadas com as experiências de aprendizagem dos sujeitos umbandistas. Essa discussão também apresenta como essas experiências de aprendizagem acontecem por meio da significação e ressignificação das práticas cotidianas que estão encharcadas pelos saberes tradicionais da Umbanda.

Processo histórico de desenvolvimento da Umbanda

O processo histórico de desenvolvimento da Umbanda mostra que essa religião é o entrelaçamento de elementos da religiosidade de povos africanos, como a dos povos Bantu, dos povos indígenas, do catolicismo e do espiritismo. Nessa pluralidade de formas de conexão com o sagrado reunido no mesmo espaço religioso, não podemos dizer que existe uma Umbanda, mas várias Umbandas.

Dentre os vários elementos da religiosidade dos povos africanos que constituem a Umbanda, destacamos os elementos do sagrado dos povos Bantu. Esses elementos são o culto a um Ser Superior, o culto aos ancestrais e aos antepassados, a comunicação com os antepassados por meio de incorporação ou jogos divinatórios, a grande importância dada ao território e o culto familiar. No Brasil, assim como a história de contatos com outras culturas na África, a religiosidade Bantu passa por um novo processo de ressignificação cultural. (MALANDRINO, 2010; SILVA, 2005). Nas terras brasileiras, segundo Malandrino (2010, p. 227), a cultura e a religiosidade Bantu passaram “por uma série de releituras e de recriações para atender às novas demandas, colocadas pela experiência da diáspora, da escravidão e da sociedade brasileira.” Essas releituras e recriações estão presentes nas muitas expressões da religiosidade afrobrasileira que se desenvolveram e influenciaram a Umbanda como o Calundu, o Candomblé Angola, a Cabula, a Macumba, o Candomblé de Caboclo até a Umbanda.

O processo de constituição e desenvolvimento da Umbanda, conforme Malandrino (2008), foi uma resposta simbólica da população negra que começou a ocupar as grandes cidades a partir do início do século XX. Essa nova realidade enfrentada nos centros urbanos provocou a necessidade de ressignificar as práticas religiosas afrodescendentes e incluir elementos de outras religiões. Não é uma degradação mágica dos elementos religiosos envolvidos, mas uma construção mítica de grupos religiosos constituídos como reação ao novo contexto social.

Prandi (1991) destaca que a Umbanda não é apenas a união de vários elementos religiosos, essa

manifestação religiosa rompeu com as visões de mundo católicas e espíritas. Ou seja, diferente dessas religiões, que pregam uma vida de sofrimento e privações, esperando alcançar a redenção em um julgamento divino ou ajustar as contas de vidas passadas em busca de evolução, a Umbanda compartilha a visão de mundo dos povos Bantu, em que a vida deve ser uma experiência em busca da felicidade e da satisfação coletiva e individual.

Por ser carregada de divergências regionais e culturais existentes na sociedade brasileira, a Umbanda se manifesta de maneira diferente em diferentes regiões do país. Por isso, em cada Estado, em cada espaço da religiosidade umbandista, existe uma grande variedade de símbolos, rituais e formas de organização, ou seja, cada espaço de manifestação da Umbanda é um espaço único.

Portanto, podemos dizer que a Umbanda conserva algumas características dos diversos elementos religiosos que a constituem, porém de maneira ressignificada. Nos terreiros de Umbanda, é possível, tanto no espaço físico como em seus processos ritualísticos, encontrar elementos de várias religiões representando a trajetória histórica que resultou na ressignificação de práticas religiosas, míticas e simbólicas do sagrado.

Referencial teórico e metodológico

No decorrer da jornada investigativa do doutorado, a orientação metodológica utilizada está delimitada nos contornos da abordagem da pesquisa qualitativa em educação numa perspectiva de recortes de histórias de vida. Para Bogdan e Biklen (1994), os pesquisadores que utilizam a perspectiva metodológica histórias de vida buscam entender os fenômenos investigados a partir da reconstituição de momentos da vida dos sujeitos de pesquisa, enfatizando o papel de outras pessoas ou de acontecimentos marcantes que influenciaram significativamente as definições de si próprios e das suas perspectivas sobre a vida desses sujeitos de pesquisa.

Para Chagas (2017), assim como o barro é moldado por Oxalá para fazer os seres humanos, as narrativas de história de vida também podem ser consideradas uma forma artesanal de reconstrução de experiências vivenciadas no passado. Para Benjamin (1987), essas memórias não têm como objetivo transmitir informação como um relatório ou inventário da vida do narrador. Essa história narrada foi mergulhada na vida do narrador para, em seguida, ser retirada encharcada por suas vivências e experiências. Assim como as impressões digitais de Oxalá ficaram marcadas no barro fresco ao moldar os seres humanos, a narrativa está carregada pelas marcas de seu narrador.

Para investigar os contextos das experiências vividas nos processos de aprendizagem da/na Umbanda, participaram como sujeitos de pesquisa dez iniciados na Umbanda de quatro espaços umbandistas localizados nas seguintes cidades da região metropolitana de Porto Alegre: Porto Alegre, Canoas, Sapucaia do Sul e São Leopoldo.

Identificação	Tempo de Iniciação	Idade	Sexo	Espaços que frequentou	Funções nos espaços umbandistas
Entrevistada 1	56 anos	63 anos	Fem.	2 terreiros; 1 casa.	Médium da corrente.
Entrevistado 2	30 anos	44 anos	Masc.	2 terreiros; 1 casa.	Cambono; Tamboreiro; Médium da corrente.
Entrevistada 3	28 anos	53 anos	Fem.	2 terreiros.	Médium da corrente.
Entrevistado 4	26 anos	54 anos	Masc.	2 terreiros.	Médium da corrente.
Entrevistado 5	10 anos	34 anos	Masc.	2 terreiros.	Médium da corrente.
Entrevistado 6	9 anos	27 anos	Masc.	3 terreiros.	Pai-de-santo.
Entrevistada 7	7 anos	36 anos	Fem.	1 terreiro.	Médium da corrente.
Entrevistada 8	2 anos	47 anos	Fem.	1 terreiro.	Médium da corrente.
Entrevistada 9	6 meses	46 anos	Fem.	1 terreiro.	Médium da corrente.

Chagas (2017, p. 115).

Essa escolha foi feita pelos seguintes critérios de seleção: Diferentes momentos de vivências e experiências na Umbanda, ou seja, iniciados que acabaram de entrar na religião, iniciados “mais jovens” na religião e iniciados com muito tempo de religião; possuir vivências e experiências em um mesmo terreiro; possuir vivências e experiências em terreiros diferentes.

No processo de produção dos dados foram utilizados a entrevista semiestruturada com inspiração no método clínico piagetiano e o diário de campo. As entrevistas inspiradas no método clínico, segundo Carraher (1998), têm como objetivo compreender além da resposta que os participantes forneceram para as perguntas da entrevista, entender como eles chegaram a tal resposta. Já na análise dos dados utilizou-se a abordagem de análise textual discursiva que, conforme Moraes e Galiazzi (2006), essa abordagem transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. Assim, para analisar os dados coletados no campo empírico, utilizei como referencial teórico a perspectiva Ubuntu, da Biologia do Amor da Biologia do Conhecer.

O conceito de Ubuntu, conforme explica Ramose (2002, 2009 e 2010), Nogueira (2011) e Chagas (2017), é formada pela aglutinação de duas palavras: Ubu e Ntu. A palavra Ubu representa a ideia da constituição do ser no fluxo das relações com os outros (ancestrais e divindades, seres humanos, natureza e aqueles que estão por nascer). Ou seja, Ubu é a forma de como nos conectamos com tudo e todos que estão ao nosso redor através da nossa ação no mundo. Ubu é o coletivo, a concepção de que, historicamente, a coletividade é anterior ao indivíduo. Porém, Ubu está entrelaçado de maneira indissociável a Ntu.

A palavra Ntu representa as partes que formam o coletivo, os modos distintos de existência dos seres humanos. O Ntu representa as unidades da coletividade, onde cada ser humano é um ser em movimento, em constante transformação, em constante processo de vir a ser. “Em linhas gerais, ‘ubu’ indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. ‘Ntu’ significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando”. (NOGUEIRA, 2011, p. 148). A partir da aglutinação dessas duas palavras surge o conceito de Ubuntu, que significa que uma pessoa só é uma pessoa através de outras pessoas ou, simplesmente, eu sou porque nós somos.

A essência do pensamento filosófico do Ubuntu é pluriversal e multirracional, pois conforme Nunes

(2009), a pluriversalidade representa uma infinidade de formas de conhecer a partir de diferentes contextos históricos, organizações sociais, aspectos culturais, desenvolvimento material e a religiosidade dos povos de uma determinada localidade. Já a multirracionalidade, segundo Noguera (2012, p. 66), “reconhece a existência de múltiplas perspectivas para abordar, ler, interpretar, criar modos e organizar a vida”.

Na perspectiva teórica da Biologia do Amor, o amor é a emoção fundadora do humano, pois é através dele que legitimamos os outros como legítimos outros no conviver, ampliando e mantendo o princípio da convivência. Ao legitimar o outro como legítimo outro na convivência, segundo Maturana e Rezepka (2003), os seres humanos ampliam o sentimento de pertença na existência social de uma determinada comunidade. Nessa perspectiva, podemos dizer que são as diferentes configurações do emocionar que definem as formas de vida dos seres humanos.

Para Maturana e Varela (1995, p. 69), a “inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, indica que todo ato de conhecer produz um mundo”. Assim, “o fenômeno do conhecer é um todo integrado, e todos os seus aspectos estão fundados sobre a mesma base” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 69). Para Maturana e Rezepka (2003), essa inseparabilidade dos seres humanos e do mundo se dá, pois, os seres humanos criam o mundo na ação de viver e conviver com os outros. Ao viver e conviver, os seres humanos estabelecem as bases para o conhecer pela capacidade da ação e reflexão. Aqui, o conhecer “é condição de vida na manutenção da interação ou acoplamentos integrativos com os outros indivíduos e com o meio” (MATURANA, 2002. p. 8).

Experiências de aprendizagens nos espaços umbandistas

As práticas religiosas nos espaços umbandistas estão entrelaçadas com as práticas do cotidiano, possibilitando experiências de aprendizagem constantes, pois nessas comunidades, não existe a dicotomia entre o terreno e o sagrado. Nesse contexto de pesquisa conceituo espaços umbandistas como os lugares onde se desenvolve a religiosidade de maneira institucionalizada ou não institucionalizada.

Os espaços umbandistas institucionalizados são os terreiros de Umbanda, tendas umbandistas, centro espiritual de Umbanda ou qualquer outra denominação do local que possui a documentação legal de registro para o seu funcionamento e vinculação com algum órgão federado da Umbanda. Os espaços umbandistas não institucionalizados são aqueles que não têm status de terreiro, mas desenvolvem todas as práticas religiosas umbandistas. Esses espaços podem ser as casas dos sujeitos umbandistas ou qualquer outro espaço onde acontecem as sessões de Umbanda.

Nesses espaços umbandistas as práticas diárias desenvolvem situações de aprendizagem onde os iniciados estabelecem significações e ressignificações das atividades mais simples. As experiências de aprendizagem se estabelecem no preparo das comidas oferecidas aos orixás e demais guias da Umbanda. Durante a ação de aprender o preparo das comidas dos orixás, os iniciados mais novos estão imersos em um processo de observação, reflexão e ação. Os sujeitos umbandistas não são observadores externos da experiência religiosa, mas participam ativamente dessa experiência. Durante a preparação de oferendas que utilizam a comida como princípio de troca do axé, as histórias míticas são contadas para explicar o porquê determinado alimento deve ser preparado dessa forma, porque se utiliza uma determinada cor de bandeja para a oferenda desse orixá, porque o número de elementos que compõe a oferenda é diferente de um orixá para outro orixá.

Outro momento que se estabelecem espaços de aprendizagem acontece durante a entrega de oferendas para Exu na encruzilhada, para Oxum nas cachoeiras, para Ogum nas matas, para Xangô nas pedras de rios ou em pedreiras, para Iemanjá no mar, dentre outros. Nesse movimento de ir aos ambientes naturais que representam os elementos de cada orixá e demais guias da Umbanda existe um processo de interação através da colaboração estabelecido entre os sujeitos umbandistas que constituem as famílias religiosas imersas em uma cultura afrodescendente. Todos estão envolvidos nos preparativos para a realização das homenagens.

Chagas (2017) usa como exemplo dos processos de aprendizagem através da colaboração entre os sujeitos umbandistas, as homenagens realizadas para Iemanjá durante o dia 02 de fevereiro. Para realizar a homenagem à Iemanjá, nos primeiros minutos do dia 02 de fevereiro na beira do mar, os preparativos começam dias antes, com a compra de tudo que será utilizado para fazer a mesa na beira da praia. Devem ser compradas as velas brancas e velas azuis, bandejas, papel azul e branco, tecido azul e branco, cocadas brancas, flores brancas, melancia, guaraná, cerveja, espumante, barquinho de madeira, espelhos, perfumes, batom, pente e bijuterias diversas.

Antes de sair de casa, para ir até a beira do mar, as bandejas são montadas com a orientação do iniciado mais antigo ou observando os iniciados mais experientes. Cada um realiza uma atividade como cortar os papéis para as bandejas, outro monta essas bandejas, outro prepara as flores e corta a melancia e assim por diante. Ao chegar à beira da praia, todos montam a mesa na areia onde as oferendas ficam dispostas.

Após a organização da mesa, as homenagens são iniciadas com o Hino da Umbanda, os pontos de abertura de sessão, depois os pontos de Iemanjá e os pontos de Ogum Beira-Mar para que os médiuns da corrente incorporem os orixás. O cambono fica auxiliando nesse processo, entregando o que os orixás pedem, recebendo as mensagens dos orixás, explicando o que os orixás querem dizer para as pessoas que estão recebendo as mensagens, entre outros. Após os processos ritualísticos, são cantados os pontos de encerramento e de subida de cada orixá. Depois da desincorporação, todos vão até o mar e entregam as oferendas nas águas.

Esse processo é uma aprendizagem da prática religiosa umbandista que começa dias antes da ritualística acontecer, ou melhor, a ritualística tem a sua culminância na beira do mar. Nesse processo os iniciados aprendem e atribuem significado aos elementos simbólicos de constitutivos presentes no preparo das oferendas para Iemanjá. Eles identificam quais são os pontos de cada orixá presente na homenagem à beira do mar, no momento da incorporação, aprendem a identificar os movimentos rítmicos da dança de Iemanjá, que representa o movimento das ondas do mar, ou de Ogum Beira-Mar, que representa um guerreiro com sua espada em punho.

Os iniciados aprendem a interpretar a sintaxe utilizada pelos orixás e demais guias da Umbanda para poder ajudar no diálogo entre as entidades e as pessoas que não estão familiarizadas com a sua maneira de falar. Conforme explica Chagas (2017), a sintaxe utilizada pelas entidades da Umbanda é uma mistura de palavras em português, muitas vezes um português arcaico, palavras de origem de troncos linguísticos do continente africano, maneiras de pronunciar as palavras que invertem o seu sentido, ou que criam novos sentidos, dentre outros. Nesse processo de quase tradução, a aprendizagem se dá na interação e convívio direto com as entidades e com os iniciados mais antigos.

Pensado a partir das construções teóricas de Maturana, as experiências de aprendizagem na/da Umbanda são estabelecidas na ação de viver e conviver individual e coletivo nos espaços umbandistas. Para

Maturana (2001), ação é tudo aquilo que o ser humano faz em qualquer domínio operacional do viver e conviver, por mais abstrato que pareça. Nessa perspectiva, observar os movimentos realizados durante a dança na incorporação e identificar qual entidade está presente é uma ação.

Durante essas práticas, ao atribuírem significado para suas ações, os sujeitos umbandistas estabelecem experiência de aprendizagem. Nessas experiências de aprendizagem, os sujeitos umbandistas não aprendem apenas a religião, mas na religião. Sendo assim, os sujeitos umbandistas, os espaços umbandistas e a própria Umbanda emergem juntos em um processo de devir, de vir a ser. E os saberes tradicionais da Umbanda estão presentes em todo esse processo de vir de constituição dos sujeitos e dos espaços umbandistas.

Nos espaços umbandistas, o amor é o fundamento central dos saberes tradicionais da Umbanda. O amor é a base do emocionar umbandista, pois ele estabelece as coordenações de ação onde o outro é um legítimo outro no viver e conviver nos espaços onde se desenvolvem as práticas religiosas da Umbanda. Ao me referir que o amor é o fundamento do emocionar umbandista, não se trata do amor romântico, mas aquele que legitima o outro no viver e conviver, não importando a sua religiosidade, cor da pele, profissão, gênero, posição política, escolaridade ou classe social.

A sabedoria tradicional da Umbanda está em configurações do emocionar onde o amor denota ações de humildade e caridade que representam os fundamentos da sabedoria tradicional umbandista. Ao aprender como se faz um banho de ervas, um chá, uma reza os iniciados produzem conhecimento presentes no cotidiano das práticas umbandistas. Porém, o objetivo de auxiliar alguém que está doente através de um banho de ervas ou um chá, a reza para que os orixás tragam clareza de pensamento e tranquilidade na hora de uma entrevista de emprego, são os saberes tradicionais da Umbanda. Essas práticas do fazer cotidiano nos espaços umbandistas estão encharcadas por esses saberes tradicionais que se mantêm vivos através dos tempos. Porém, a Umbanda, por ser uma religião formada por elementos simbólicos, ritualísticos, culturais e espirituais de vários povos, vê suas práticas cotidianas se transformando e dando origem a novos conhecimentos, conforme as características históricas e culturais dos espaços onde a Umbanda é praticada.

O Ubuntu é o um dos saberes tradicionais que constituem os sujeitos umbandistas no movimento de viver e conviver coletivo e individual. O coletivo representa o fluxo das relações entre os sujeitos umbandistas com os orixás e as outras pessoas que vivem e convivem nos locais onde se desenvolvem as práticas religiosas da Umbanda. Já o iniciado representa o individual, os múltiplos elos que compõem a corrente da comunidade, as várias formas de ser nos espaços umbandistas. Pensando nesse processo de desenvolvimento dos sujeitos umbandistas, a palavra “ser umbandista” deixa de ser um substantivo ou adjetivo para se tornar um verbo, que ao ser conjugado, a primeira pessoa do singular “eu” está entrelaçada com a primeira pessoa do plural “nós”.

Na primeira pessoa do singular “eu sou”, representa o ser umbandista agindo no contexto do viver e conhecer. Pensando na perspectiva do Ubuntu, essa ação de viver e conhecer está no contexto do Ntu, ou seja, a singularidade que forma o coletivo de uma comunidade. Essa singularidade compõe a multiplicidade de formas de leitura de mundo e suas diferentes formas de explicação da experiência vivenciada pelos sujeitos umbandistas que compõem a coletividade da comunidade.

O viver em comunidade representa o ser umbandista na primeira pessoa do plural, ou seja, o “nós somos”. No Ubuntu, o “nós somos” é o conceito de Ubu, o processo de formação do ser humano no fluir das relações com os outros integrantes da comunidade: os iniciados mais novos e mais antigos, as pessoas

que procuram os espaços umbandistas, os orixás e demais guias da Umbanda e a natureza. No contexto dos espaços umbandistas, o “nós somos” representa as formas que os sujeitos umbandistas se conectam com os outros por meio de sua ação no mundo.

Esse entrelaçamento entre terreno e sagrado no processo de desenvolvimento demonstra a cooperação nas experiências de aprendizagem na Umbanda. Esse tipo de experiência de cooperação é difícil de explicar a partir das definições de cooperação atribuídas pela razão científica. Pois, cooperação é realizar operações com o outro com objetivo de criar algo novo. Esse operar com o outro é uma ação mental e consciente entre os sujeitos que estão na experiência de cooperação.

Na cooperação entre o sujeito umbandista e o orixá, o entrelaçamento entre matéria e a energia do orixá acontece no fluir do amor. Aqui, o amor tece uma rede que liga o orixá e o seu aparelho com os fios que representam a reciprocidade, o respeito e a entrega. Os sujeitos umbandistas não escolhem os seus orixás, mas são escolhidos por eles. Quando esses sujeitos escolhem iniciar esse processo de desenvolvimento na Umbanda, eles estão estabelecendo conversações de reciprocidade com os seus orixás.

Nessas conversações, o respeito é estabelecido no processo de desenvolvimento do iniciado com o orixá. E nesse processo de desenvolvimento, na experiência de cooperação na Umbanda, se estabelece a ação do iniciado em doar, entregar o seu corpo para que ele seja veículo de uma consciência muito maior do que se pode explicar, para que essa consciência possa se manifestar no espaço umbandista. Essa manifestação do orixá representa a materialização em forma de ação dos saberes tradicionais umbandistas através do auxílio aos necessitados, humildade no processo de desenvolvimento, no amor que legitima os outros em fluir de ações de cuidado e partilha, dentre outros.

Considerações finais

Durante a pesquisa desenvolvida no decorrer do doutorado, na produção dos dados junto aos sujeitos de pesquisa, observado os espaços onde desenvolvem suas práticas religiosas, é possível dizer que nos espaços umbandistas as práticas religiosas não se separam das experiências de aprendizagem. Tanto os sujeitos umbandistas como os espaços onde ocorrem suas práticas religiosas e a própria Umbanda estão entrelaçadas, em um processo de desenvolvimento mútuo. Nesse processo de viver e conhecer, as experiências de aprendizagem acontecem por meio da significação e ressignificação das práticas cotidianas como preparar a comida dos orixás, cantar os pontos, escutar as histórias míticas, preparar banhos de ervas por exemplo. No cotidiano desses espaços, durante essas práticas, os sujeitos umbandistas estabelecem interações horizontais onde os iniciados mais novos e os iniciados mais antigos constituem espaços propícios para aprendizagens por meio do diálogo e nas interações verticais, a aprendizagem está ligada diretamente ao sagrado, ou seja, está no diálogo direto com as entidades da Umbanda. O emocional umbandista denota ações onde o outro é um legítimo através do cuidar e ajudar as pessoas, da comunidade ou que não pertence à comunidade. Sendo assim, os saberes tradicionais que estão presentes nos terreiros são os fundamentos das práticas cotidianas, mas não as práticas em si. Os saberes tradicionais se mantêm como uma pedra fundamental, o que muda são as práticas cotidianas dos espaços umbandistas.

Outra constatação que foi possível durante a pesquisa é que os espaços umbandistas possuem uma grande diversidade epistemológica. Aqui, a epistemologia não é aquela com “E” maiúsculo, que é universal e monorracional, ou seja, uma epistemologia que objetiva estabelecer que existe apenas uma forma de

produção do conhecimento. As epistemologias umbandistas são epistemologias com “e” minúsculo, ou seja, não são epistemologias menores, mas que compreendem que o conhecimento é produzido e legitimado a partir das características próprias dos espaços umbandistas onde os iniciados vivem e convivem. Por isso, não podemos dizer que existe uma epistemologia umbandista, mas várias epistemologias umbandistas.

No decorrer do processo de investigação foi possível compreender que aprender na Umbanda é um processo de viver e conhecer em comunidade, onde os saberes tradicionais umbandistas estão entrelaçados com as configurações do emocionar presente nos espaços umbandistas. Nesses espaços, existem muitas formas de aprender que representam uma grande diversidade epistemológica. Isso me permite inferir que cada espaço umbandista possui seus próprios processos de aprendizagem a partir de uma epistemologia local.

Referências

- BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. (Obras Escolhidas vol. 1) - São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto, 1994.
- CARRAHER, T. N. **O método clínico**: usando os exames de Piaget. São Paulo: Cortez, 1998.
- CHAGAS, W. dos S. “Eu sou porque nós somos”: Experiências do emocionar nas aprendizagens umbandistas. **Tese** (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2017.
- MALANDRINO, B. C. O “bate-cabeça” e o congá: A mutabilidade da Umbanda. **Ciberteologia. Revista de Teologia e Cultura**. São Paulo, n.15, 2008.
- MALANDRINO, B. C. “Há sempre confiança de se estar ligado a alguém”: Dimensões utópicas das expressões da religiosidade Bantú no Brasil”. **Tese** (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Paulo, 2010.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do conhecimento**: As bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. **Formação Humana e Capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PELLANDA, N. M. C. **Maturana e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- PRANDI, R. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1991.
- SILVA, V. G. da. **Candomblé e Umbanda**: Caminhos da Devoção Brasileira. 5. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

Submetido em: 21/02/2023.

Aceito em: 17/04/2023.